

LIVRAMENTO, UM QUILOMBO ENTRE FRONTEIRAS

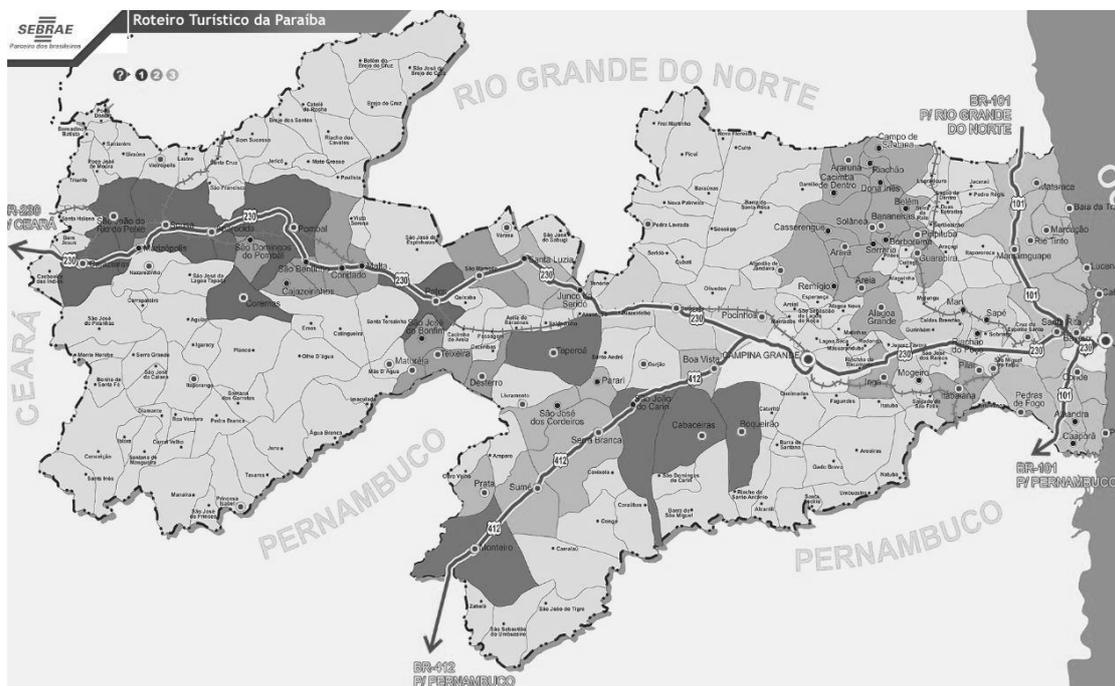
Janine Primo Carvalho de Meneses¹
(UNIAFRO)

O presente texto é baseado na memória e em documentos manuscritos das últimas décadas da escravidão, resultado de vivências e de pesquisa entre os anos de 2004 e 2009, no e com o Quilombo Livramento e em arquivos de Recife e de Triunfo.

Livramento se localiza no Planalto da Borborema, na divisa entre os estados da Paraíba e de Pernambuco, próxima a um dos pontos culminantes do Nordeste, o Pico do Papagaio, com 1.360 metros de altitude, a 14 km da cidade de Triunfo (sertão de Pernambuco) e 19 km do município paraibano, Princesa Isabel.

Figura 1: Mapa do estado da Paraíba.

Disponível em http://www.sertao1.com/noticias/capa_04072014081026.jpg, acesso em 06.jul. 2014.



¹ Mestra em História pela Universidade Federal de Pernambuco; tutora do curso de especialização em Educação da UNIAFRO – Política de igualdade racial no ambiente escolar.

Segundo Dona Rosa (Maria Rosa dos Santos, 77 anos), identificada na comunidade como a historiadora do lugar, o quilombo nasceu do livramento da escravidão que alguns negros fugidos alcançaram naquele alto de serra, e por terem conquistado a liberdade, batizaram-no de Livramento. A altitude foi o fator primordial para a escolha e a permanência no local. Contam que os primeiros negros a chegar vieram de Alagoas. Eles viveram em locas, em cavernas, abrigados pelas grandes pedras e rochas numerosas que ali predominavam. O acesso era extremamente difícil, e a vista panorâmica fazia do lugar um local estratégico para o refúgio. Sobreviveram alimentando-se de plantas, principalmente do catolé, e de animais que conseguissem capturar. Dona Chicola (Francisca Patrício, 67 anos, descendente dos mais antigos moradores) afirma que seus ascendentes não contaram como chegaram porque tinham medo de ser descobertos.

Óia, a certeza nós num tem quantos anos, passa muitos ano né, e, sei que eles chegaram escondido, e como eles chegaram aqui, eles nunca falaram donde era. Disseram não, eles não disseram, nós só sabe dizer que eles disseram fugido da vida dos branco, trabaivava pros branco né, aí eles fugiro pra cá.... Chegou duas família de nêgo e se alojaram aqui no Livramento (Francisca Patrício, 67 anos).

Em entrevista com Júlia Geraldo (J), identificada em seu estudo como a catequista de Livramento, a historiadora Suzeli de Almeida (S) questionou sobre a origem do quilombo:

S - E como foi que os negros vieram parar aqui no Livramento? Porque, no começo, eram só negros ali, não?

J - Eram, mas tá misturado com gente de fora. Porque meu avô morreu em 1893, com 38 anos. Minha vó chegou lá em 1890. Minha bisavó foi morar lá, veio de Mulungu, aí perto de Serra Talhada, Pernambuco.

S - E por que será que foram negros morar lá?

J - Era um lugar desertado. Naquele tempo, as terras não tinham dono, aí os nego foram e invadiram.

S - Se a senhora diz que sua mãe nasceu em 1888, foi o ano que terminou a escravidão. E pra trás, já morava gente no Livramento?

J - Já. Meu avô tinha casado, morava lá, já tinha a minha mãe. Não tenho bem a data que meu avô casou. Se ele morreu em 1893, com 38 anos, bote as contas pra trás (1855). Os mais velhos já tavam lá no Livramento.

A historiografia brasileira tem indicado que os quilombolas permaneceram em contato com as vilas e as freguesias mais próximas, pois, assim, poderiam comercializar seus produtos e obter informações, atacando os fazendeiros mais próximos e as localidades urbanas. Livramento se avizinha de outras comunidades de maciça presença, como Serra dos Pretos, Serra da Bernarda e o Arco do Vento e mantém parentesco com o quilombo vizinho, Águas Claras, também paraibano.

Pesquisando sobre os processos-crimes referentes a Triunfo, foi identificado um processo do ano de 1882, que informa sobre a presença de seis escravizados na Serra

da Bernarda, local muito próximo ao quilombo e para onde se dirigiam criminosos. Nesse documento, constata-se a insuficiência policial de capturar tais criminosos, como mostra este fragmento:

Constando nesta delegacia, que neste Termo achão se homesiados diversos criminosos de Termos extranhos, e havendo certo receio desses criminosos reunirem-se a um grupo de escravos fugidos constante de seis, sendo três da propriedade do Coronel Galter (Gauler?), morador da Comarca do Exú d'esta Província, os quais estão homesiado no local denominado Serra da Bernarda deste Termo, e mais alguns criminosos com elles, peço a VS^a. o aumento deste Destacamento que presentemente é composto de quatro praças comandadas por um soldado alvorado, como também peço a VS^a. que providenci de modo a que commandado por um inferior, visto como estando essas praças sob o commando do official, na distância já dita superar as necessidade urgentes de fazer qualquer diligência. Tornando-se dispendiosa a policia feita com paisanos, não fazer esta Delegacia as necessárias diligências, a fim de conseguir a captura de tais criminosos e acabar com esses séquitos que se estão formando neste Termo, seguramente no intuito de roubar este e os Termos vizinhos.

Outrossim, consulto a VS^a. se posso ou não cercar esses escravos reunidos aos criminosos e bem armados como consta estarem, visto neste sêrco, poder dar-se sem dúvida alguma conflito. Aguardo a resposta de VS para poder dar as providências mais acertadas que o caso merece (Processo-crime 1882).

Até 1891, não há registro da captura deles. Os estudos referentes a Livramento afirmam que o quilombo foi criado por negros fugidos da zona litorânea açucareira, que encontraram no sertão isolamento e liberdade. As famílias mais antigas de Livramento são Simplício e Patrício, mas constituem o quilombo também as famílias Angelino, Belarmino, Bola, Lisbão, Nonato, Fama, Praieiro, Belo, Massá e Deodato. Os moradores de Livramento falam de uma relação muito antiga com Triunfo. No Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano, foram encontrados os registros de prisão de Antônio Alves dos Santos, conhecido como Antônio Bola, e José da Costa Victorio, conhecido como José de Fama, presos em 1871 por assassinato na região próxima onde hoje se encontra Livramento. A memória desse município relata histórias sobre as famílias Fama e Bola, tradicionais do quilombo.

Na pesquisa sobre os processos-crimes de Triunfo, foram encontrados os registros de prisão de Antônio Alves dos Santos, conhecido como Antônio Bola, e José da Costa Victório, chamado de José de Fama, presos em 1873 e 1875, por assassinato numa região próxima a Livramento.

Os estudos sobre Livramento, todos baseados na memória de seus moradores, resumem-se à dissertação de Mestrado de Suzeli de Almeida, 'Pacto do Silêncio – o Livramento dos negros, uma comunidade no Sertão do Pajeú – PE', e ao artigo de Aécio Villar de Aquino, 'Quilombos e Remanescentes de Quilombos na Paraíba', presente no livro **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**, organizado por Clóvis Moura.

Ambos os historiadores basearam-se no capítulo O “Pacto do Silêncio”, do escritor Paulo Mariano, presente em seu livro ‘Achados de Perdição’.

Eles também contam que nunca houve escravidão em Livramento. Os negros tinham suas casas de farinha e trabalhavam da agricultura de subsistência e na forma de “alugados” (recebiam remuneração pelo dia trabalhado), ou por 1/5 (de cinco sacas de produtos colhidas, uma pertencia ao trabalhador), mas afirmam que, mesmo recebendo valor por seus trabalhos, sentiam-se explorados e discriminados.

Às vezes, em grandes fazendas, devido à elevada produção, o vaqueiro terminava também fazendeiro; geralmente havia em cada fazenda, fora o vaqueiro, alguns mestiços forros, chamados ora ‘alugados’ ora ‘fábricas’, que faziam serviços auxiliares, recebendo pequena remuneração em espécie, além de casa e comida (ANDRADE, 2005, p. 155).

A condição de alugados não os isentavam de dificuldades e malefícios, e a memória sobre o alugado remete à servidão, ao árduo trabalho por pouco pagamento, razão por que precisavam do auxílio de um parente próximo para sair do alugado e ter o próprio roçado. Os que se destinavam ao trabalho alugado se agrupavam com a denominação de Batalhas. Dona Rosa relata que as negras cantavam uma cantiga ao fim da tarde para pressionar os contratantes a largá-las do serviço. Era a cantiga “Minha Nêga”:

*Oh minha nêga tá na hora do arreio
Minha nêga, tá na hora de arriá,
Trabalhador alugado
tem três horas de alegria
Quando almoça, quando janta
e quando recebe o seu dia*

Livramento tem a felicidade de, através do exercício de contos, cantigas e danças, viver a memória em seu cotidiano, que retrata a história e os costumes, a vida do passado e do presente. Essas cantigas revelam os sonhos, o imaginário e o contexto histórico desse povo. As cantigas seguintes referem-se à resistência dos negros aos maus-tratos recebidos e aos sonhos de melhorar a vida.

*Toquei meu mato
Fiz meu roçado
E o branco não queria não
E plantei meu algodão
Mas o branco não queria não
Colhi meu algodão
Vendi a primeira safra
Comprei um caminhão
Mas os branco não queriam não
Aí na derradeira safra*

*Carreguei meu caminhão
E o branco foi tomá
Mas nem que eu concida
Mas nem dou meu caminhão
Nem que eu concida
Mas eu não dou meu caminhão*

*O meu cavalo tem um arrêi de ouro
No pescoço ele tem um medalhão
Noa pata dele ele leva um par de cacho
Bronzeado, de prata e ouro
No meu cavalo anda um belo negão
Trajado de gibão
Onde ele passava os branco
Dizia lá vem o cão
Mas o nego não era o cansa
O nego andava atrás
Da sua libertação*

Muitos moradores de Livramento não pronunciam palavras em português composta de consoante + consoante + vogal, mas no padrão consoante + vogal + vogal, por exemplo: Águas Claras é pronunciada Águas Quilaras, Clementino, Quilimentino. Segundo a etnolinguista e doutora em línguas africanas, Yeda Pessoa de Castro, essa é a característica do falar banto no Brasil.

Livramento tem danças próprias, como o coco e o silim, relatadas como as danças *dos nego véi, do tempo de pa trás*. O coco é constituído de um trupé específico, dançado nas noites de lua cheia ou para se construírem casas das entes das comunidades, a maioria feita de pedras e chão batido. O silim se dançava em par, como uma valsa, no intervalo do coco, para se descansar ou, como se diz em Livramento, para “tomar uma fuga”. Hoje são dançadas como representação. Algumas senhoras ensinam a crianças e jovens, formam grupos e se apresentam com trajes específicos quando convidados ou contratados.

A cutilada ou esquentá muié era a banda cabaçal de Livramento, famosa e conhecida, formada pelos líderes e chefes da comunidade, e se apresentava em Triunfo e Princesa Isabel principalmente no período natalino. Livramento também participou da Revolta de Princesa, um conflito conhecido como Guerra ou Sedição de Princesa, acontecido no município de Princesa Isabel - PB, em 1930, entre o então governador da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, e os coronéis monopolizadores da economia do Estado, que discordavam do governo quanto a perseguição aos cangaceiros e a cobrança de impostos para a exportação de algodão, levando-a a ser realizada pelos portos de Recife.

O coronel Zé Pereira fora o mais forte deles e residira na cidade de Princesa Isabel. A memória do quilombo nos revela as atrocidades do referido coronel. Apoiado

pelos governadores de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, Zé Pereira declarou o “Território Livre de Princesa”. Por isso os negros de Livramento cantavam:

*Princesa já foi minha,
Vila Bela eu vou tomar,
Só não tomo João Pessoa
Porque não posso governar*

Estamos falando de um tempo de violência, de medo e de parcerias em Livramento, em cujas terras os cangaceiros se refugiavam e lutavam, incluindo os quilombolas na luta, seja do lado amigo ou do lado oposto. Essa comunidade, tão farta da história do sertão nordestino, já fora um quilombo histórico, uma comunidade remanescente de quilombos, hoje, Quilombo Livramento, cujo título de reconhecimento foi publicado no Diário Oficial no dia dois de março de 2007. A Associação de Remanescentes de Quilombo do Livramento – ARQL – foi fundada em cinco de dezembro de 2003 e está vinculada ao município paraibano São José de Princesa.

Parte de sua história está aqui apresentada com o objetivo de contribuir para essa luta que se fundamenta nas próprias histórias. De acordo com o historiador Eurípedes Funes, essa história está presente na memória dos mais velhos, bons narradores da saga de seus antepassados, o que permite resgatar um passado nem sempre revelado nos documentos escritos. Uma memória que é referencial, ao mesmo tempo, de ancestralidade e de identidade (FUNES, apud REIS, 1996: 467).

Fontes orais

Maria Rosa dos Santos (Dona Rosa), 72 anos, moradora de Livramento;
Francisca Patrício (Chicola), 61 anos, moradora de Livramento;
Júlio Paulino (seu Júlio), 99 anos, morador de Águas Claras*;
Anísio Patrício (seu Anísio), 83 anos, morador Águas Claras;
Maria Nassau (dona Maria Massá), 94 anos, moradora de Livramento.

Fontes manuscritas

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE

Processos-crimes:

- Processos-crimes da Delegacia de Flores entre 1863 e 1872;
- Processos-crimes da Delegacia de Triunfo entre 1872 e 1889;
- Processos-crimes da Delegacia de Vila Bela entre 1861 e 1872;
- Notificação da prisão de negros por crime de fuga, roubo, assassinato e interrogatório de negros criminosos em Vila Bela, entre 1840 e 1869.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Tratado dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul (Séculos XVI e XVII)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PPGSCA – UFAM, 2006.

ALMEIDA, Suzeli de. *Pacto do Silêncio – O Livramento dos Negros, uma comunidade no Sertão do Pajeú – PE*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História da UFPE. Recife, 1992.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. 3ªed. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

AMORIM, Cleyde R. A temporalidade “‘Kalunga’ no espaço histórico do quilombo”. In SCHWARCZ, Lilia K. Moritz & GOMES, Nilma Lino (orgs.). *Antropologia e História – debate em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste – Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. *Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CINTRA, Ivete de Moraes. *Gado Brabo de Senhores e Senzalas*. Recife, FIAM, 1988.

DIAS, Lêda de Oliveira. *Relatório de Identificação da Comunidade Negra Rural Remanescente de Quilombo Serrote do Gado Brabo – Município de São Bento do Uma*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

DUARTE, Rebeca Oliveira. *Direito e negritude: a afirmação da identidade racial através das constituições brasileiras*. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do grau de Especialista em Direitos Humanos. Recife, 2004.

FERRAZ, Socorro & BARBOSA, Bartira Ferraz Barbosa. *Sertão, um espaço construído*. Universidad de Salamanca – centro de estudos brasileiros: Salamanca, 2005.

GLASGOW, Roy. *Nzinga – Resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582 – 1663*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pântanos – Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (Séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

_____. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOPES, Diana Rodrigues. *Triunfo à Corte do Sertão*. Santa Cruz da Baixa Verde: Gráfica Folha do Interior, 2003.

MARIANO, Paulo. *Achados de Perdição*. João Pessoa: Idéia, 1994.

MENESES, Janine Primo Carvalho de. *Livramento, história de um lugar, memória de um povo*. Monografia apresentada ao Departamento de História como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em História. Recife, 2007.

_____. *Livramento, um quilombo desde “o tempo de pa trás”*. Dissertação apresentada à Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Recife, 2010.

MOURA, Clóvis (Org). *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2001. 378p.

NASCIMENTO, Abdias (org.). *O negro revoltado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (orgs). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.